

D 'OS SERTÕES' DE EUCLIDES A
'OS SERTÕES DOS CAMPOS': UMA
EXPERIÊNCIA TRADUTÓRIA.

Edwigens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida¹

¹Mestranda em Literatura Brasileira
pela UFMG. Bolsista da CAPES.

D'Os sertões' de Euclides a 'Os sertões dos Campos': uma experiência tradutória.

RESUMO

Tendo como base reflexões contemporâneas sobre tradução, o presente estudo propõe a análise do processo de tradução ou transcrição criativa da obra "Os Sertões" de Euclides da Cunha, realizada pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos. Neste exame dos métodos utilizados, os aspectos do texto histórico, conteúdo, forma e estilo são destacados não como fatores de limitação do processo tradutório, mas como questões a serem adaptados como releitura uma vez que essa reescrita culmina em uma nova produção artística. Sob essa vertente, como constata Thais Flores "... os textos 'originais' e 'alvo' devem ser considerados signos: um do outro" (DINIZ, 2003:13).

PALAVRAS-CHAVE

Tradução, releitura, transformação, forma, estilo.

From Euclides da Cunha's "Os Sertões" to "the Campos brothers' sertões": a translation experiment

ABSTRACT

This study uses contemporary reflections on translation to analyse the creative process the brothers Augusto and Haroldo de Campos employ in the translation or "transcreation" of Euclides da Cunha's historical novel "Os Sertões". In examining their method, special attention is given to the historical context, content, form and style of the text, not so much as constraints on the translation process but rather as features requiring adaptation through re-reading. The rationale is that the re-writing of the work brings a new literary creation into being. From this angle, as Thais Flores argues, "... the texts [original and target] should be viewed as signs one of the other" (DINIZ, 2003:13).

KEYWORDS

Translation, relecture, transformation, form, style.

Todo texto, aunque sea una traducción, es único, y solo se entiende desde sí mismo. Y a la vez, todo texto es un fragmento de un texto más amplio, de una cantera de temas, estructuras y recursos estilísticos, condicionado por tradiciones históricas colectivas y por rasgos universales de la conducta humana. (ARROYO, 1989:20/21)

Ao longo dos séculos, a reflexão acerca da tradução foi marcada pela preocupação com as possíveis perdas e ganhos. De acordo com este pensamento, as perdas decorrentes da tradução de um texto superariam quantitativa e qualitativamente os ganhos.

Segundo essa versão, a tradução seria um processo antropofágico, em que o tradutor ao se apropriar do texto do outro, o reconstrói a partir de sua destruição. Nesta vertente, o trabalho de tradução constitui uma atividade meramente reprodutora, secundária, derivada e inferior ao texto original. Contudo, no decorrer dos últimos anos, uma tendência diversa tem balizado os estudos teóricos e ultrapassado a reflexão tradicional, valorizando o tradutor e o trabalho da tradução. Sob este novo pensamento, comenta Susana Kampff Lages que o processo tradutório converte-se em uma atividade independente, com características, finalidades e normas próprias (2002:73).

Neste parâmetro, torna-se relevante ressaltar o papel da cultura e do contexto do escritor sobre as características do texto original.² Dessa forma, a nova interpretação sobre a tradução permeia os caminhos da tradução intercultural, buscando a comunicação entre os povos de épocas e culturas distintas. De acordo com esses critérios, a tradução, como produto, continua sendo pensada e criticada. Sendo assim, com os estudos recentes sobre o processo tradutório, os parâmetros têm sido alterados. Atualmente, considera-se a tradução como uma transformação. Além do aspecto semântico, cabe ainda analisar os aspectos linguístico e estético, com vistas à reconstrução ou releitura do traduzido. Nessa análise, convém destacar a reflexão de Thais Flores Nogueira Diniz acerca desse novo conceito de tradução:

Deixa de ser apenas, como se define tradicionalmente, o transportar, seja de uma língua ou de um sistema, para outro(a). Torna-se um procedimento complexo que envolve também as culturas, os artistas, seus contextos histórico/sociais, os leitores/espectadores, as tradições, a ideologia, a experiência do passado e as expectativas quanto ao futuro. Envolve ainda o uso de convenções, de técnicas anteriores ou contemporâneas, de estilos e de gêneros. Traduzir significa ainda perpetuar ou contestar, aceitar ou desafiar. Do mesmo ponto de vista, envolve, sobretudo, uma leitura transcultural (1999:42)

De acordo com excerto supra citado, a tarefa tradutória constituirá uma re-

²Para não deixarmos subentender que as traduções ou releituras não seriam "originais", substituiremos o termo texto "original", por texto "primeiro".

escrita, cujo processo irá compor uma nova imagem literária e cultural do texto que foi traduzido. Nessa transcrição, o envolvimento dos elementos, tais como contexto, cultura, tradição, funde-se a elementos internos, como a vivência pessoal, as experiências e o estilo do transcritor.

Com isso posto, vale lembrar que, no Brasil, pode-se identificar uma tendência para a crítica tradutória e a própria execução de rescritas, nas atividades ensaísticas e tradutórias dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos. Nesse processo de transformação do escrito, como evidencia o termo haroldiano, "transcrição" ou "translucidação", deparamo-nos com os estudos realizados pelos mesmos sobre a obra "Os sertões", de Euclides da Cunha.

Publicada no ano de 1902, ainda sobre os rumores da Revolta de Canudos, a obra de Euclides da Cunha tem suscitado um volumoso e valioso acervo de interpretações. Com o intuito de ampliar essa gama de leituras e interpretações acerca da obra pré-moderna, os irmãos Campos, sob as perspectivas da poesia e da tradução, inovaram uma interpretação da obra-prima euclidiana.

Com base no conceito de André Lefevere, citado por Thais Flores (1999), de que a tradução é uma re-escrita, portanto uma forma de ativação do texto, os irmãos Campos mergulham no universo histórico e estético que é a obra "Os sertões", para assim, dialogarem com o texto e incorporar em novas linguagens à realidade presenciada por Euclides. Dessa forma, a obra "Os Sertões dos Campos", é composta por dois estudos, particularmente independentes, intitulados "Transcrições", escrito por Augusto de Campos e "Da transgermanização de Euclides: uma abordagem preliminar", estudo realizado por Haroldo de Campos.

Nesses experiências tradutórias convivem dois universos dotados de influências contextuais. A escrita euclidiana, sob a ambiência da Revolução de Canudos e flexibilizada, racional e emocionalmente, pelos brutais acontecimentos da Revolução. A leitura dos Campos, sobretudo aquela realizada por Augusto, tentando infiltrar novas formas de linguagem na literatura dos primeiros anos do século XIX, constituindo assim, uma nova vertente da narrativa d'Os sertões, sob a perspectiva da poesia concreta moderna. Conforme assegura Haroldo de Campos, no artigo "Da tradução como criação e como crítica", "[a] tradução de poesia (ou prosa que a ela equivalha em problematidade) é antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido" (1992:43).

Ao tecer essa nova abordagem, Augusto de Campos destaca que "o que se pretende é demonstrar o quanto as estruturas poéticas - no seu adensamento rítmico, plástico e sonoro - contribuíram para dar ao texto o 'tonus' peculiar que é a sua marca impressionante" (1997:33). Analisando a escrita de Augusto de Campos como prática tradutória, observa-se que há a preocupação de fazer uma análise formal, uma vez que, torna-se difícil enquadrar a obra de Euclides estilisticamente, pois o aspecto poético emerge constantemente da prosa. Daí, caracterizar-se a prosa com estilo poético na narrativa de Euclides. Nesse sentido, acrescenta Augusto:

Em muitos dos mais altos trechos do seu livro, naqueles precisamente em que ele se revela mais original e persuasivo, recorreu Euclides aos métodos da poesia - o que, é claro, não se restringe à adoção de ritmos e metros, embora estes interverham com significativa parcela para essa caracterização, mas também no emprego de condensadas figuras de linguagem - metáforas, metonímias, antíteses, tudo convergindo para transformar o discurso meramente didático ou expositivo e dar-lhe a configuração sensível e diferencial que eleva o repórter de Canudos às alturas de um notável criador literário. (1997:33)

Essa breve exposição nos chama a atenção para as classificações que a obra vem suscitando. Muitos estudos realizados sobre a obra maior de Euclides determinam que em sua escritura, a preocupação do autor se deu com a documentação dos fatos ocorridos em canudos, e por esse motivo não a classificam como uma obra de arte literária. Contudo, o próprio Augusto de Campos, em sua ênfase na releitura, chamada "leitura verso-espectral" do texto, vem nos revelar que, a prosa euclidiana é construída com base em traços específicos da linguagem poética. Neste sentido, é fácil observar, através da escrita de Augusto de Campos, que Euclides da Cunha foi um notável versificador.

Augusto de Campos relata que no ano de 1946, Guilherme de Almeida no artigo "A poesia dos sertões", já assinalava a respeito da versificação na prosa euclidiana. Com isso posto, convém ressaltar que essa experiência dos irmãos Campos, em especial, de Augusto de Campos, consiste numa forma de alcançar novas formas estéticas dentro do texto, e converte-se em um outro instrumento de análise da relevância da obra no cenário artístico nacional. Neste sentido, a tradução poética da obra realizada por Augusto de Campos parece complementar a breve apreciação da mesma, efetuada por Guilherme de Almeida. De acordo com Guilherme (1997), a preferência de Euclides se deu pelo verso decassílabo, medida nobre do verso português, materializada no célebre "Os lusíadas", de Camões. Essa constatação parece desmistificar o estereótipo de obra puramente documental resultante de objetivos jornalísticos do correspondente do jornal "O Estado de São Paulo".

Dito isso, acredita-se que a obra pré-moderna faz parte de uma inovação na literatura da época, conforme nos assegura Adelino Brandão na introdução da edição de "Os sertões" de 2005, Martin Claret intitulada "Os Sertões- uma revolução literária". Augusto de Campos, com sua apurada ótica literária, constatou tal inovação e versatilidade na obra euclidiana e, reescrivendo-a nos legou novas oportunidades de realizar outras leituras acerca da imanência poética e da estrutura interna da prosa d'Os Sertões¹.

Conforme nos orienta Augusto de Campos, a obra começa com um decassílabo heróico:

O planalto central do Brasil desce...

E finaliza, também, com um solene alexandrino:

... as linhas essenciais do crime e da loucura.

No decorrer de toda a narrativa, o prosador teve intensa preocupação com o

aspecto formal na tessitura do texto. Há uma grande incidência de padrões métricos, aliterações resultantes de sucessão de células fonêmicas, e a presença de versificações, geralmente no início e no fim dos períodos, relata Augusto (1997). Nesta perspectiva, constata João Barrento, na obra "O Pogo de Babel: para uma poética da tradução literária", que a poeticidade está em coisas muito diversas e manifesta-se em todos os níveis do texto (2002). Dessa forma, através da tradução de Augusto, torna-se mais fácil perceber a linguagem poética imbricada na prosa euclidian, o que possibilita aos leitores outras formas de investigações da obra. De acordo com Haroldo de Campos:

Se a tradução é uma forma privilegiada de leitura crítica, será através dela que se poderá conduzir outros poetas, amadores e estudantes de literatura à penetração no âmago do texto artístico, nos seus mecanismos e engrenagens mais íntimos (1992:46).

Em "Transertões", Augusto de Campos chama a atenção, ainda, para outros aspectos da prosa de Euclides da Cunha. Nesse estudo, ele aponta o exame feito em 1947, por Augusto Meyer, onde este último destaca a desenvoltura versificante do autor d'Os sertões como um defeito parrasiano. Destaca, ainda, o ensaio de Eugênio Gomes, de 1958, em que ressalta a aproximação parrasiana e simbolista na obra de Euclides, comparando-a à obra "O Arceneu" de Raul Pompéia.

Sob esta perspectiva, Augusto declara que há em toda a obra euclidian, algo bem mais expressivo que a incidência métrica e as comparações feitas pelos ensaístas anteriormente citados. Segundo ele, podemos perceber, na escrita euclidian, além de versos tipicamente poéticos muito bem explorados, aliterações, como:

como viboras verdes pelos ramos...

Paronomásias:

a tropa combatida abalou à tarde...

Colocação terminal de proparoxítonos, crescentes na parte final do livro:

um círculo vicioso crudelíssimo...

Presença de alexandrinos arcaicos:

a galhada sem folhas da flora sucumbida...

Numerosos sintagmas conclusivos de orações, decassílabos; dodecassílabos, ora privilegiando o infinitivo:

Num ondear longínquo de chapadas...

A escrita é composta, ainda, de decassílabos sáficos, onomatopéia virgiliana, versos autônomos, livres, ou menos livres.³

³Neste breve estudo, mencionamos, apresentar a experiência tradutória dos irmãos Campos, tendo em vista alguns conceitos contemporâneos de tradução. Assim, não será possível destacar todos os exemplos apontados por Augusto, uma vez que esta exemplificação do processo transcriativo constitui o corpus do texto. Nesse sentido, farei no tom-se relevante, porém bastante extenso para este estudo. Assim, citei nos erros, a alguns casos, para a exposição da análise formal realizada pelo mesmo.

Com o propósito da transcriação poética, Augusto de Campos, com a alteração da disposição gráfica, da pontuação, e a supressão de algumas palavras em determinados trechos da prosa da obra "Os sertões" de Euclides da Cunha, revela-nos o quanto a poesia é imanente da prosa de Euclides. Como comenta Haroldo de Campos, "... tradução de textos criativos será sempre uma recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca." (CAMPOS, 1992: 35) Com isso posto, vale citar a estrofe criada por Augusto e intitulada *Rodeio*, a partir da narrativa d'Os Sertões' *A Vaquejada*:

Rodeio

De repente

estruge ao lado um

estrúduo tropel de cascos sobre pedras,

um

estrepito de galhos estralando,

tufa nos ares, em novelos,

uma nuvem de pó,

rompe, a súbitos, na clareira,

embolada,

uma ponta de gado e logo após,

sobre o cavalo que estraca esbarrado,

o vaqueiro,

teso nos estribos... (1997:37)

Nesta tradução do trecho de "A vaquejada", o que predominou foi a disposição gráfica realizada por Augusto. Uma substituição de "estralando" por "estralando", a supressão de "um estalar, de chifres embatendo" e a retirada de uma vírgula e ponto e vírgula no décimo verso.

Euclides da Cunha inicia o quarto parágrafo de "Os prisioneiros" assim: "Um suspenso pelas axilas entre duas praças, meio desmaiado, tinha diagonalmente, sobre o peito nu, a desenhar-se num recalque forte, a lâmina do sabre que o abateria." (CUNHA, 2005: 556).

Na transcriação realizada por Augusto de Campos, observe as modificações realizadas (1997:49) no mesmo fragmento acima, extraído de Euclides da Cunha.

O prisioneiro

um
suspense
pelas axilas entre duas praças

meio
desmaiado
tinha

d

i

a

g

o

n

a

l

m

e

n

t

e

sobre o peito nu

a

desenhar-se num recalque forte

a

lâmina do sabre que o abatera

O título é posto no singular e a prosa euclidianiana transforma-se em um poema-objeto, típico da poesia concreta. Nele, o aspecto visual, o espaço tipográfico e a disposição geométrica dos vocábulos na página são fatores que nos auxiliam na compreensão da carga semântica do texto. O termo "diagonalmente", adquire a sua integralidade quando disposto na posição diagonal. Neste sentido, a poesia começa a tomar conhecimento do espaço gráfico como agente estrutural.

Com essa análise, torna-se evidente que o elemento distintivo do texto poético em relação a outros textos liga-se, sobretudo, à forma particular com que o texto está construído. No texto literário, a configuração formal pode transmitir uma carga semântica relativa. Assim, na tradução criativa realizada por Augusto, podemos perceber, com mais clareza, que o efeito poético é inerente da prosa euclidianiana. O que fez Augusto de Campos foi dar um novo caminho à escrita, ao transcrever-lhe a ponto de nos fazer ver e sentir tais aspectos poéticos na notável escrita de Euclides da Cunha.

Com essa sucinta exposição da releitura realizada por Augusto de Campos acerca da obra "Os Sertões" de Euclides da Cunha, torna-se relevante, ainda, fazermos uma breve exposição acerca da análise de Haroldo de Campos a respeito da tradução da mesma obra por Berthold Zilly para a língua alemã. Neste estudo, intitulado "Da transgermanização de Euclides: uma abordagem preliminar", Haroldo de Campos enfatiza que o problema da tradução quando se trata de uma

obra como "Os Sertões" é, sobretudo, o seu efeito estilístico.

Por um lado, a crítica admira seu estilo e, por outro, considera-o tenso e pomposo. Antonio Candido e Aderaldo Castello, defensores desta última classificação, destacam que o estilo euclidianiano tende para "... o mau gosto e o desequilíbrio, sendo às vezes obscuro por excesso vocabular" (CAMPOS, 1997: 51). Contudo, admitem que, apesar do intuito social, o livro pertence à literatura pela maneira inovadora do estilo e quase visionária de apresentar a realidade. Neste sentido, relatam que Euclides apresenta um "talento expressivo fora do comum". Isso teria permitido ao autor se consagrar na literatura nacional.

A avaliação negativa de Candido e Aderaldo deve-se à presença de características barrocas na escrita pré-moderna. Esse aspecto barroco presente na narrativa de "Os Sertões" foi também identificado por Franklin de Oliveira e Alfredo Bosi. Segundo Alfredo Bosi, de acordo com a linguagem do livro pode-se perceber, na obra, o "barroco científico": "indica-lhe uma essência, se em 'barroco' visualizarmos, antes de mais nada, um conflito interior que se quer resolver pela aparência, pelo jogo de antíteses, pelo martelar dos sinônimos ou pelo paroxismo do climax" (1997:53). Conforme Franklin de Oliveira, esse estilo possui aproximação daquele utilizado por Augusto dos Anjos, onde o exagero, a hipertrofia dos sentimentos, a preferência pelos valores plásticos vão compondo a narrativa. Sob esse exame, seria o próprio texto primeiro uma releitura do Barroco ou da escrita de seus antecessores e carregado do contexto momentâneo.

De acordo com o pensamento de Haroldo de Campos, sob a ótica dos estudos literários contemporâneos, "obscuridade" e "excesso" não podem mais ser lidos como traços pejorativos. No entanto, podem evidenciar uma complexidade na transposição de uma língua para outra. Com essa brevíssima revisão crítica, Haroldo nos faz perceber o quanto se torna complexa uma tradução de uma obra como "Os Sertões". Essa complexidade também deriva da intenção do autor em fundir a linguagem jornalística com a linguagem do sertanejo. Em decorrência desse limiar estreito das linguagens presentes na narrativa, entre outros fatores, emerge a complexidade da prosa euclidianiana. Nesse âmbito, Haroldo de Campos afirma que a obra de Euclides da Cunha se manifesta como uma obra de arte verbal, e dentro dessa concepção, só pode ser plenamente transposta para outra língua, por meio da operação de transpoetização, termo extraído do discurso benjaminiano.

Nesse sentido, Haroldo de Campos nos dá algumas indicações deste processo tradutório do texto de Euclides para o alemão, realizado por Berthold Zilly. Nesta exposição, Haroldo se valeu de trechos do episódio "estouro da boiada", onde, segundo ele, certas qualidades do estilo euclidianiano estão representadas (1997). Convém destacar o fragmento da obra de Euclides:

Segue a boiada vagarosamente, à cadência daquele canto triste e preguiçoso. Escanchado, desgraciosamente, na sela, o vaqueiro, que a revê unida e acresci-

da de novas crias, rumina os luctos prováveis: o que toca ao padrão, e o que lhe toca a ele, pelo trato feito. (CUNHA, 1940:147).

Percebe-se que há uma certa nasalização em *am* e *en*. Essa utilização de sonorização de base consonantal ou vocálica, constitui uma das principais restrições decorrentes deste processo tradutório. Essas restrições ou complexidades devem-se, ainda, à presença do ritmo, do balanceamento prosódico da frase euclidiana proporcionados pela sonorização presente nas estruturas linguísticas. Assim, o tradutor procurou recuperar a pausa sonora do texto de Euclides, embora, no alemão, essa sonorização não ocorra termo a termo, nos mesmos pontos que ocorre em português. Veja a tradução da primeira frase do fragmento acima exposto:

Langsam trottet die Herde dahin, im Rhythmus ienes traunigen und schwerfälligen Singsang. (CAMPOS, 1997:58)

Pode-se perceber, também, como recurso de sonorização, a presença das alterações em /tr/ (*trottet/traunigen*) e /g/ (*silabas finais de traunigen e schwerfälliges*). Em outros fragmentos, o tradutor procurou manter a metrifacção e a sonorização percebida em algumas frases. Apesar das limitações na transposição entre as línguas, encontrou o tradutor uma boa solução. Nessa tarefa tradutória, aproximou os processos semelhantes do texto original àqueles da língua alemã.

Sob esse viés analítico, Haroldo de Campos vem nos esclarecer que a estrutura sintática, na língua alemã, é organizada de forma que o complemento predicativo e o verbo se situam no final da oração. Isso favoreceu a tradução de alguns trechos, uma vez que é sabida a predileção de Euclides da Cunha pelo hipérbato, isto é, as frases na ordem inversa. Ainda, sobre essa experiência de transposição, convém destacar um outro exemplo:

"... e valos, e cerros, e galhadas..."

Nesse fragmento de "Os Sertões" de Euclides da Cunha, o movimento do salto do cavalo é obtido pelo uso da anáfora. Percebe-se que, na tradução do trecho, a seguir, que a separação do prefixo (*über*) do tema verbal (*setzend*), típicos da língua alemã, permite movimento semelhante:

(*über*) *Schluchten, Gräben, Hügel und Gesträuche (setzend)*

Dessa forma, conforme Haroldo de Campos, o tradutor reproduz, em alemão, o procedimento barroquizante euclidiano, uma vez que procura se adequar, mesmo que por processos semelhantes e típicos da língua estrangeira, à estrutura estética do texto primeiro. Nesse sentido: "o tradutor, pelo menos no momento 'metalinguístico' de seu trabalho, deve submeter a escrutínio as operações formadoras do texto de partida, para reconfigurá-las em sua língua, na medida em que pretenda alcançar *eine formvolle Uebersetzung* ("uma tradução plena de forma"), tal como a prescreve o ideal benjaminiano do traduzir", completa Haroldo

de Campos (1997:68).
Logo, a respeito desse processo tradutório, vale acrescentar o conceito jakobsoniano de "transposição criativa":

... a tradução capaz de reproduzir na outra língua o elemento especificamente poético, por uma atenção sobretudo a elementos da estrutura, da articulação entre significantes e, em especial, ao recurso poético da paronomásia... (LAGES, 2002:89).

Sob essa abordagem, é percebido que a operação tradutória se apresenta de forma complexa. Essa operação requer do tradutor, além de conhecimentos do contexto sócio-cultural, os conhecimentos inerentes da estrutura interna do texto a ser traduzido. Pode-se dizer que o projeto e a prática não só da tradução, mas da crítica tradutória, são meios de propiciar para que, grande parte dos leitores tome conhecimento das novas formas que o texto nacional pode adquirir, além de poder conhecer, ainda, textos estrangeiros. Sobre esse papel do tradutor, ou recriador de textos, comenta o crítico literário americano Harold Bloom, na obra "A angústia da influência", que os grandes poetas são aqueles que, em seu contato, sempre conflitivo, com os antecessores na tradição, conseguem realizar uma apropriação tão radical a ponto de sua obra modificar a interpretação que posteriormente será feita dos precursores (1991).

Portanto, cabe aqui reiterar que a tradução e a crítica tradutória realizada pelos irmãos Campos são formas de ampliar a leitura e o conhecimento acerca da "obra-prima da literatura brasileira", como se refere a "Os Sertões", a professora Walnice Nogueira Galvão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Cirnaco Morón (selecciones y estudios). *Antología de la lírica medieval castellana*. Salamanca: Publicaciones del Colegio de Espana, 1989.
- BARRENTO, João. *O Poço de Babel: para uma poética da tradução literária*. Relógio de água, 2002. Coleção Antropos.
- BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. [Trad. e apres. Arthur Nestrovski].
- BRANDÃO, Adelino. Os sertões: uma revolução literária. In: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2005. Série Ouro.
- CAMPOS, Augusto e Haroldo de. *Os Sertões dos Campos: Duas vezes Euclides*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.
- CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: *Metalinguagem e outras metas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Cultrix, 1940.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2005. DINIZ, Thais Flores Nogueira. *Literatura e Cinema: da semiótica à tradução cultural*. Ouro Preto: Editora UFOP, 1999.
- DINIZ, Thais Flores Nogueira. *Literatura e Cinema: tradução, hipertextualidade, reciclagem*. Belo Horizonte: FALE, 2005.
- LAGES, Susana Kamplf. *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*. São Paulo: Editora da Universidade de São